

# DIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII  
N.º 667

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**OSÉCULO**

## A viagem da Micás

Por MARIA ARCHER

FIFI — É verdade que já foste à África?  
MICAS (gabarola) — Fui, sim. Eu já sou uma pessoa crescida mesmo importante...

ZECA — Olha, olha! Tem dez anos e quer fingir de gente!

MICAS — Vejam quem fala! O fedelho de nove anos! És mais alto do que eu mas és mais pequeno... isto é, és mais novo; quem é mais novo é mais pequeno...

FIFI (severa) — O boi que nasceu o ano passado, lá na quinta, já está maior do que nós... e é mais novo. E não foi à África...

ZECA (com pena) — Pois isso é verdade, ... coitadinho...

MICAS (arrepêndida) — Mas ainda há-de ir, deixa estar... Eu hei-de pedir ao papá que o leve...

FIFI — Conta lá como é isso de ir à África. É uma terra preta... Com diabos a saltar, não é?

MICAS — Diabos, não vi... E a terra é de tôdas as cores... Quando parti foi no vapor... Um vapor cinzento, grande, com uma chaminé muito alta, pintada às riscas... E lá ao longe abanava uma bandeira, como nos quartéis... No fundo havia um barulho infernal...

ZECA — Com certeza que lá havia diabos?

FIFI — Se não estão com juízo, vou-me embora... Eu

quero saber o que se passa na África... Não o que vocês têm na cabeça. O que vocês não têm, sei eu.

ZECA E MICAS — Então, o que é que nós não temos?

FIFI (pedante) — Miolos...

MICAS (abespinhada) — Ah! decerto que não tenho. Não sou nenhum animal. Miolos come a minha professora todos os dias, com ovos... Miolos de vaca, de porco...

ZECA (arrogante) — O meu pai, que sabe mais do que tu, disse-me que eu nunca havia de ter miolos! Já vês que não descobriste nada, não és nenhuma descobridora...

MICAS — Eu é que descobri uma coisa muito curiosa. Foi na viagem. A gente andou dois dias no mar. Não se via mais nada que céu e mar. Depois, numa manhã, parámos junto duma terra muito alegre, muito florida, muito bem cheirosa. Era terra, terra igual à nossa, com rochas, com árvores, com flores, com casas... Mas toda a gente lhe chamava a ilha da Madeira... Eu não sabia que as ilhas eram de madeira...

FIFI (presumida) — Mas que disparate! As ilhas são de terra e rochas, como os continentes. Madeira é um nome, nada mais. Chamam-lhe Madeira porque teve muitas florestas na época em que foi descoberta... Vocês sabem quem descobriu a Madeira?

ZECA — Foi um carpinteiro...

MICAS — Deixa lá, Fifi, deixa falar esse patarata. Ele há-de ficar reprovado na História. Eu não hei-de ficar reprovada em coisa nenhuma, porque já sei tudo. Sei que o Infante D. Henrique estava em Sagres, ali mesmo no Algarve, a ensinar aos marinheiros o caminho da África. E a ilha da Madeira está ali no caminho da África... Eu depois até fui ao arquipélago...

FIFI — É o nome de alguma cidade?

ZECA (cantando de troça)

Rosa branca ao peito  
a todos está bem,  
ao arquipélago, olaré,  
melhor que a ninguém!

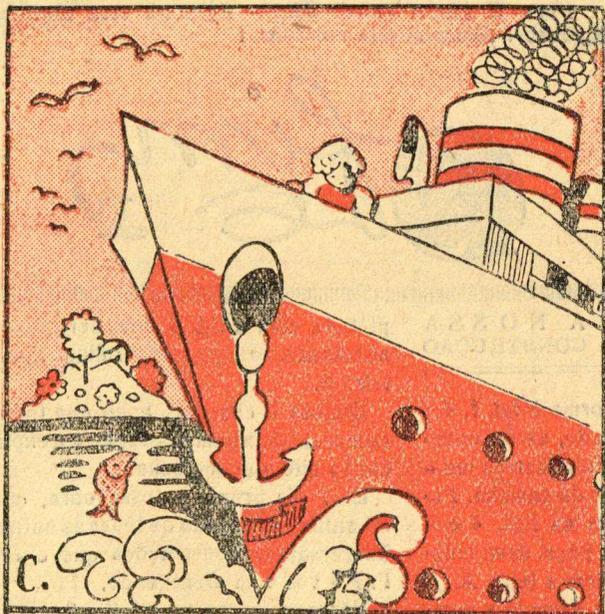
MICAS (a chorar) — Eu não quero que façam troça de mim... Eu enganei-me... Arquipélago é que se diz... É que eu li um livro antigo, que tinha *ch* em vez de *qu*. Eu bem sei... Arquipélago de Cabo Verde... Eu vi tudo...

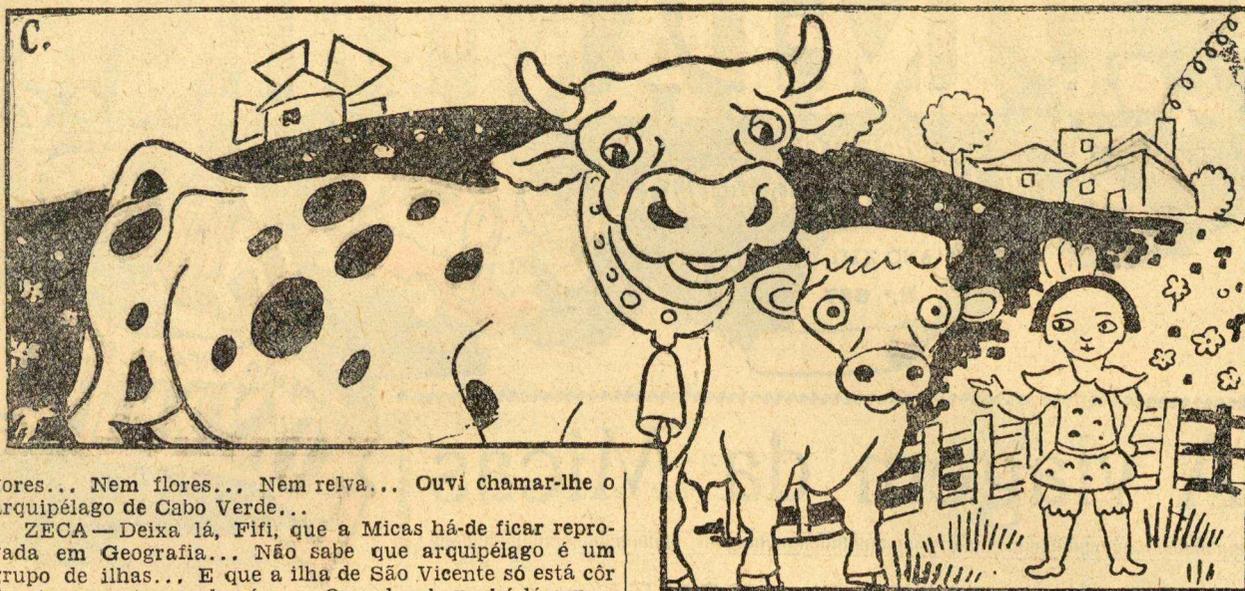
FIFI — Hom, bom, um engano toda a gente tem. Até os doutores... Então viste o arquipélago Verde?

MICAS — Vi, sim. Mas é cinzento... O arquipélago de Cabo Verde é cinzento...

FIFI — Como é isso?

MICAS — Eu estava no vapor, em frente duma grande ilha cor de cinza. Era a Ilha de São Vicente. Esta não é de Madeira... Nem é de terra... É de rocha. Não se vêem ár-





vores... Nem flores... Nem relva... Ouvi chamar-lhe o arquipélago de Cabo Verde...

ZECA — Deixa lá, Fifi, que a Micas há-de ficar reprovada em Geografia... Não sabe que arquipélago é um grupo de ilhas... E que a ilha de São Vicente só está cõr de cinza no tempo da sêca... Quando chove, há lá erva e flores, e campos semeados...

FIFI — Mas como sabes tu essas coisas?

ZECA (*importante*) — Li no jornal...

MICAS (*furiosa*) — Mas o que tu não sabes, meu sabichão de trazer por casa, é se Cabo Verde é África!

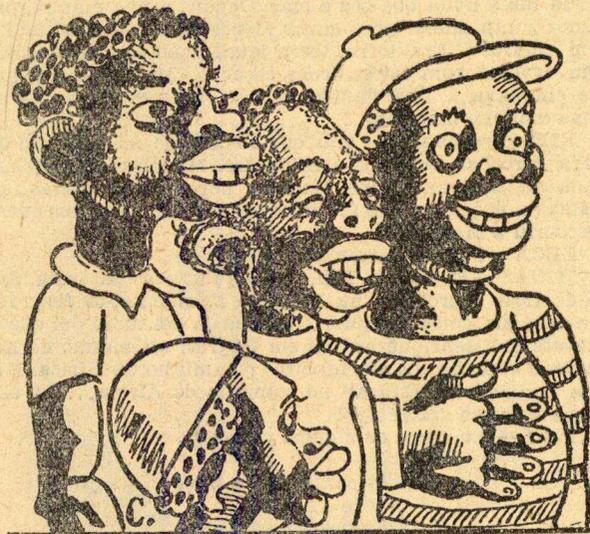
ZECA — Não é! A África é um continente. Os continentes são a Europa, a Ásia, a América, a Oceania, a África.. Nenhum se chama Cabo Verde.

FIFI — Que confusão faz êste rapaz!

ZECA E MICAS (*ao mesmo tempo*) — Eu é que sei! Eu é que sei!

FIFI — Deixem a Micas contar a viagem.

MICAS — Cabo Verde são ilhas ao pé da África. Ficam



perto da Guiné. Também fui à Guiné! A Guiné é que é a África verdadeira... A África dos prêtos selvâgens...

FIFI (*espantada*) — Tu viste os selvâgens?

MICAS — Vi, sim, pois que julgas? Eles estavam em terra, enfileirados, a olharem para o vapor com os olhos muito abertos e os dentes à mostra!!

ZECA — E que faziam?

MICAS — Carregavam com as bagagens...

ZECA — Não dançavam?

MICAS — Não. Andavam sossegadíssimos, a trabalhar e a ganhar dinheiro.

FIFI — Não comiam gente?

MICAS — Não. Os prêtos são muito bons. Eu estive na Guiné muito tempo e não me fizeram mal nenhum.

FIFI — E... tu disseste que a terra de África é de tôdas as côres? Como é isso?

MICAS — Porque a Guiné parece um tapete... É cheia de campos cultivados, de flores, de frutos... Quando a gente sobe a uns montes, vê em redor a terra pintada com uma caixa de aguarelas...

FIFI — Mas, então, os Diabos nunca os viste? Sempre julguei que se escondessem em África...

MICAS (*galata*) — Diabos, só conheço dois... E vi-os em Lisboa. Um chama-se Zeca, outro Fifi (*desata a correr*).

FIFI E ZECA (*atrás dela*) — Agarrem essa marota! Agarrem! Agarrem essa assassina!



## UMA CASINHA A NOSSA CONSTRUÇÃO

Amiguinhos:

Toca a construir esta engraçada casinha! Como verão, é muito fácil;

Depois de terem colado tôdas as peças em cartolina vulgar, recortem tudo muito bem.

Primeiro, dêmos forma à fig. 1, do-brando-a pelo tracejado, assim como a tôdas as outras, e coloquemos-lhe a fig. 2, que é o telhado da casinha. Façamos o mesmo com as figs. 4 e 8. Depois de pronta esta peça, deve colocar-se a fig. 7, onde tem a letra A.

A fig. 5, depois de armada e com-

pletada com a fig. 5, deve ser colada ao telhado, no espaço determinado pela letra B.

Quanto à chaminé, acho que todos compreendem bem o desenho e a explicação que a acompanha...

E... eis pronta a nossa obra, que irá enfileirar ao lado de tôdas as outras interessantes construções que o «P. P.» vos vem oferecendo.

Vêr construção na página 8

# A SALSA E A CICUTA

Por JOSINO AMADO

**J**UNTO dum ribeirão, a deslizar cantante,  
Que a mágica varinha, a eterna gravidade,  
Faz rolar murmurando até ao vasto mar,  
Mimosa criancinha estende, saltitante,  
Com graça, agilidade,  
Uns panos a corar.

A mãe num lavadouro, em pedra amorfa e lisa,  
Bate a roupa, trauteando as mortas melodias,  
Que o disco da memória ainda reproduz,  
Imagens, vibrações, de venturosos dias,  
Com que agora ameniza  
As agruras da cruz.

A filha, ao ver ali virosas umbelíferas,  
Folhagem verde escura, em recortada linha,  
Colheu um grande ramo e, alegre, vai correndo,  
Desenvolta e louçã, maneiras amoríferas,  
A levá-lo à mãezinha,  
Inspirada, dizendo:

— «Olhe, que bela salsa, ó mãe, rica, viçosa,  
Prós meu ovinhos, veja, é bastante melhor  
Que a que cultiva o pai, além, no nosso hortéu,  
Muito mais alta e fresca e bela e vigorosa,  
Deve ter bom sabor,  
Deve ser um pitéu!»

— «Provaste-a, filha?!... — diz-lhe a mãe aflita, aflita,  
Erguendo-se num pulo e voando para ela. —  
— «Não, mãezinha, porquê?... Olhai como é virente,  
E, como o nossa, tem também formosa umbela.» —  
Mas a mãe grita, grita:  
— «Deita-a fora, inocente!

Não é salsa, filhinha, é venenoso embude;  
E' cicuta, que mata a quem a prove, a côma!  
A salsa é rasteirinha e mal se ergue do chão,  
Mas tem o seu valor, utilidade, aroma!  
Filha, a aparência ilude,  
Nunca esqueças na vida a luz desta lição!



# A POCINHA DE ÁGUA

Por VIRGÍNIA LOPES DE MENDONÇA

**A**PARECERA ali, num recanto da  
estrada, sem saber como. Só as  
árvores e as pedras, açoitadas  
pela tempestade nocturna, tinham  
dado pela sua aparição.

De manhã, quando o céu aclarou, a  
água da pocinha estremeceu de  
orgulho.

Julgava-se enorme porque reflectia  
em si todo o azul do céu e todo o  
brilho do sol.

A noite, a luz do  
luar fazia dela um es-  
pelho de prata.

Quando a lua desa-  
pareceu, como lágrimas de ouro, vieram  
as estrelas mirar-se na  
sua água.

— «Não há no mundo água mais  
formosa que a minha!» — dizia aos  
passarinhos a quem matava a sede.

— «Há o mar imenso, de ondas bra-  
vias, feitas de mil cores!» — respon-  
diam eles, metendo o biquinho na sua  
frescura.

— «Mas a tua água é pura e doce  
como a da fonte e a do rio!»

Assim, a pocinha conversava com  
os passarinhos, as borboletas e todos  
os animais pequeninos e frágeis que  
lhes passavam à beira, refrescava as  
raízes das plantas humildes que cres-  
ciam perto dela e, feliz, bendizia a  
sorte que a fizera tão linda e tão útil.

Mas o traidor do vento — inimigo  
das cousas brilhantes da natureza —  
e que no verão se diverte a levantar  
nuvens de pó, uma tardinha veio de  
roldão, trazendo consigo folhinhas e  
lixo e, com essa poeirada, cobriu a água  
límpida da pocinha.

(Continua na página 5)

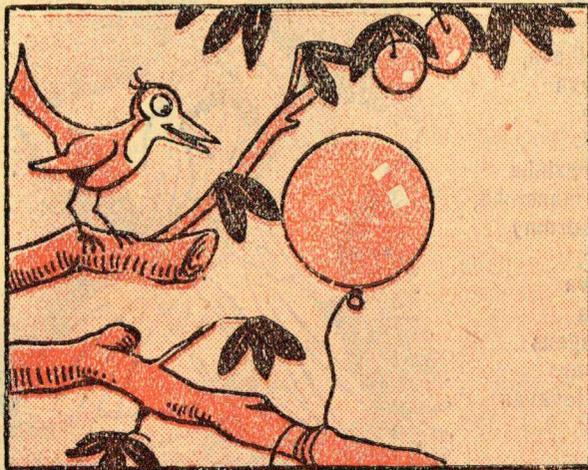




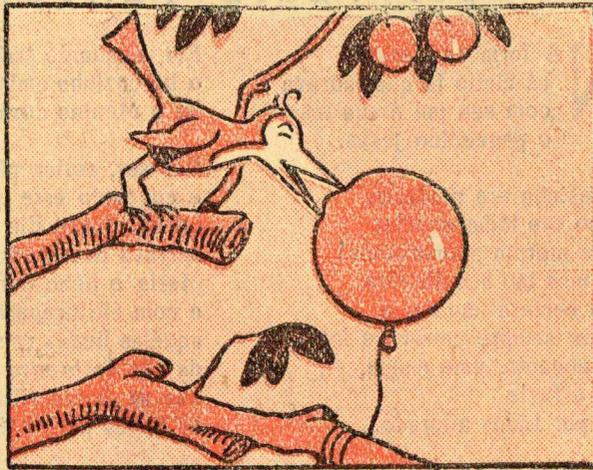
**NEM TUDO QUE  
LUZ É OURO...**  
por TAVARES PINO



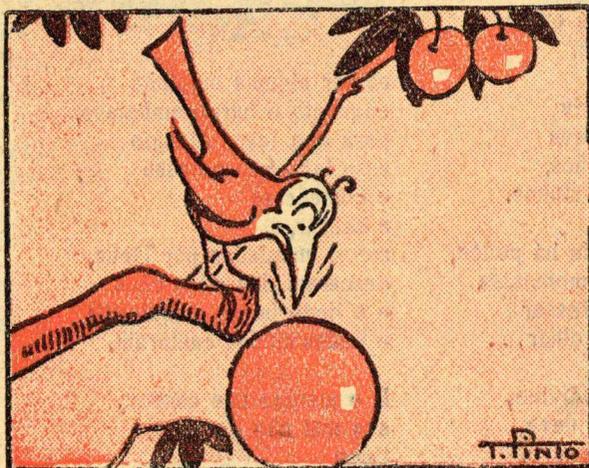
Serve isto para mostrar,  
leitorzinho inteligente,  
que não se deve fiar  
nas aparências a gente.



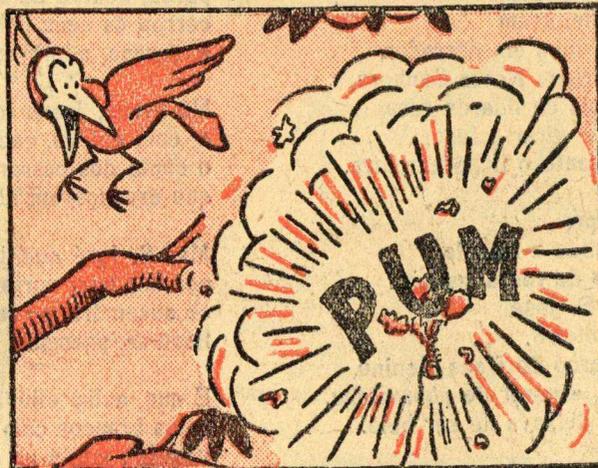
I — «Que apetitosa maçã!...  
Vou encher o meu papinho.»



II — Pára; não fujas, louçã,  
está quêda um momentinho.



III — «Pára um segundo, só um!  
Ai, que eu perco a paciência...  
Ora toma!... Nisto: — Pum!!!»



IV — «Oh, que grande decepção!...  
Com tão bonita aparência  
e afinal... era um balão!»

### A POCINHA DE ÁGUA

(Continuação da página 3)

Agitada pelo vento, esta sentiu-se muito arrepiada... Depois, debaixo daquela camada espessa, mal podia respirar.

Condoída da sua desdita, um pirlampo, com as asitas, conseguiu afastar umas palhinhas que boiavam na água e, voando sobre aquele luminoso intervalo, fez até reflectir a luzinha que o enfeitava. Então, a pocinha, consolada, murmurou:

— «As estrelas já vêm ter comigo! Vejo uma tão perto que quasi me toca!» Mas, pela noite adiante, o pó tornou a juntar-se sobre ela.

No dia seguinte, o sol, muito ardente, bateu em cheio na poeirada que a escondia e a água, a pouco e pouco, evaporou-se.

Quando os pássaros, e outros animais pequeninos e frágeis, a procuraram, nada restava da linda pocinha, senão umas folhas murchas, vestígios do lixo que a cobrira.

Cheios de tristeza, os bichinhos perguntaram como teria desaparecido o lindo espelho de água tão pura, onde onde eles vinham mirar-se.

O pardal ficou piando:

— «Quem seria, ri-pi-piu, que o nosso espelho partiu?»

A rã logo coaxou:

— «Quem seria, rã-rã-rã, que o nosso espelho quebrou?»

Berrou o grilo: — «Cri-cri, quero o meu espelho aqui.»

A borboleta, a voar:

— «Não tenho onde me mirar!»

E o bruto do vento, soprando em lufadas, disse ás gargalhadas: — «Bichinhos, sabeí: fui eu que a sujei!»

E o sol, escarninho, disse, num risinho: — «Também ajudei, fui eu que a sequei.»

E a terra, abrasada, disse, encolorada: — «Se não está aqui, fui eu que a bebi!»

Desde êsse momento, ficaram os bichos de mal com a terra, o sol e o vento.

# O SONO de NOSSA SENHORA

por FELIZ VENTURA

**N**A formosa Nazaré,  
há muito já que morava  
com seu pai e sua mãe  
o pequenino Jesus.

A casinha era modesta,  
como são tôdas aquelas  
onde moram pòbrezinhos!  
Ai, mas tão hospitaleira  
com certesa não havia.  
Tinha sempre um ar de festa,  
um encanto, uma magia,  
que a fazia  
ser por todos adorada.

E à sombra dumas parreiras  
misturadas com roseiras,  
que cercavam  
e enfeitavam  
a casinha em derredor,  
a Virgem Nossa Senhora,  
depois da lida da casa,  
fazia girar o fuso,  
enquanto o linho enrolava.

Ao pé,  
humilde e singelo,  
feito de tosca madeira  
por S. José  
carpinteiro,  
o berço do Deus-Menino,  
que, a pesar de pòbrezinho,  
não deixava de ser belo.

Olhando o lindo filhinho,  
para que êle não chorasse  
— (pois uma extremosa mãe  
não pôde ver o seu Bem  
sem ser alegre, a sorrir) —

Ela, enquanto trabalhava,  
o berçozinho embalava  
'té o Menino dormir.

Por ser, assim, pòbrezinha  
e enquanto êste de mansinho,  
(ai não fôsse Êle acordar)  
serrava devagarinho,  
Maria o linho dobava  
e com êle preparava  
aquelas lindas roupagens  
da côr do branco luar,  
que as damas ricas levavam  
às festas para bailar.

Mas Nossa Senhora, um dia,  
cansada de trabalhar,  
parou, deixou de cantar,  
cerrou os seus lindos olhos  
e, serena, adormeceu.

No berço, Jesus sorria  
e, com enlêvo, escutava  
o canto dos passarinhos,  
que esvoaçavam nos ninhos.

Mas S. José que, inda há pouco,  
por uns bem curtos momentos  
se ausentára, ao regressar  
ficou-se, pasmado, a olhar...

É que, entre effúvio divino,  
anjos brancos com a neve,  
voavam, muito ao de leve,  
em tôrno do seu Menino.

Como era sempre costume,  
a Virgem Nossa Senhora  
ternamente, em voz baixinha,



cantar alguma modinha  
enquanto o berço embalava,  
para que Jesus Menino  
essa falta não notasse  
e começasse  
a chorar,  
anjos, mandados por Deus,  
desceram dos altos céus  
e o lindo berço embalaram  
e lindas modas cantaram.

E o menino não chorou,  
sua mãi não acordou;  
ficou  
alegre a sorrir!

Descia a tarde mansinha...  
A'quela hora  
tudo caíra, em redor,  
na santa paz do Senhor!...

Na curva do horizonte  
morria o sol lentamente.  
Um bando de pombas mansas  
arrulhava docemente.

Sorria-se S. José  
vendo a cena encantadora.  
Dormia Jesus-Menino...  
Cantavam anjos baixinho...  
Dormia Nossa Senhora!



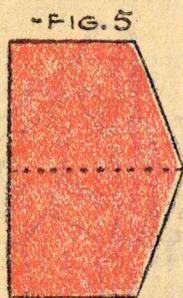
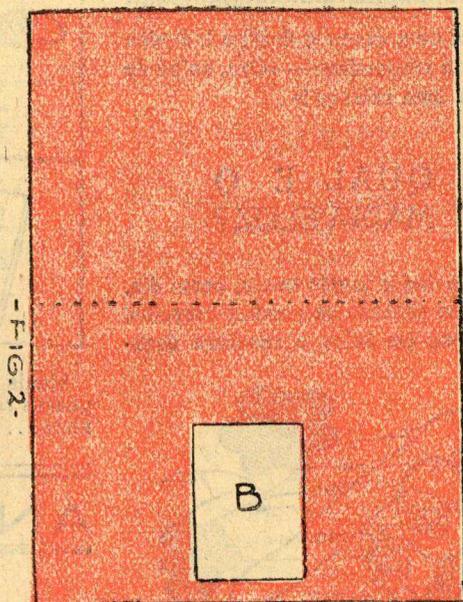
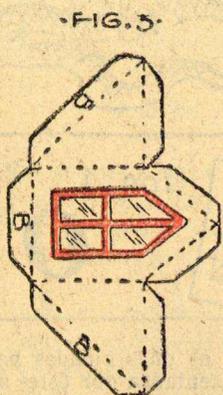
**FIM**



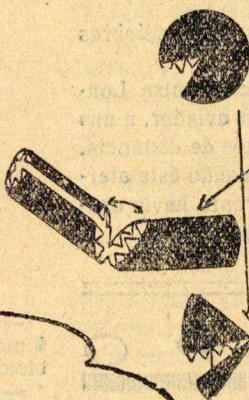
# CONSTRUÇÃO

# P A R A

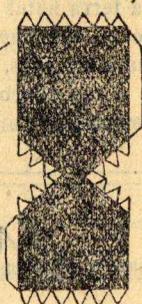
# A R M A R



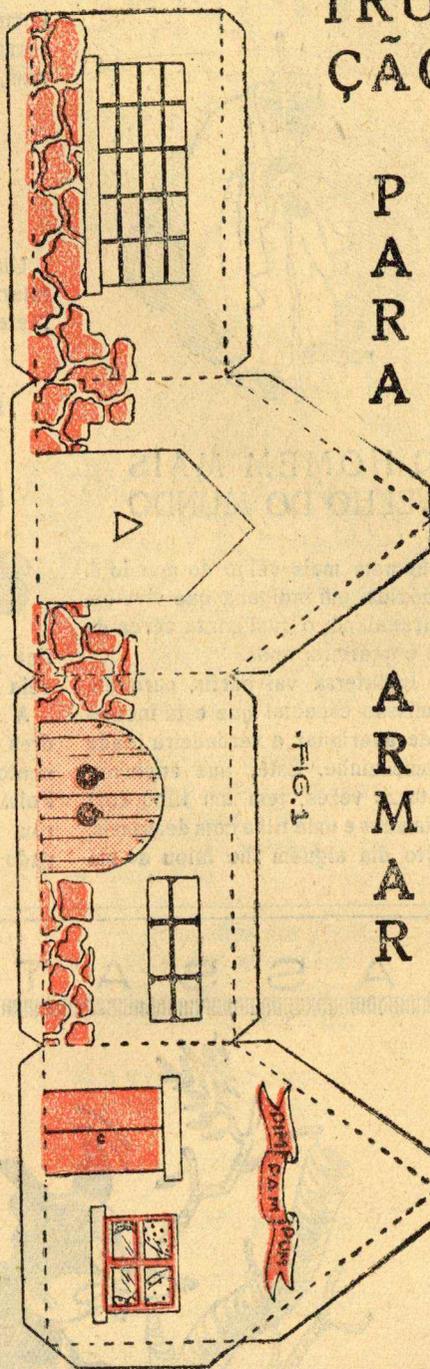
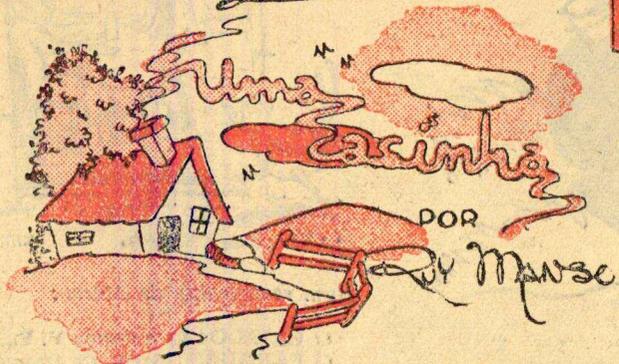
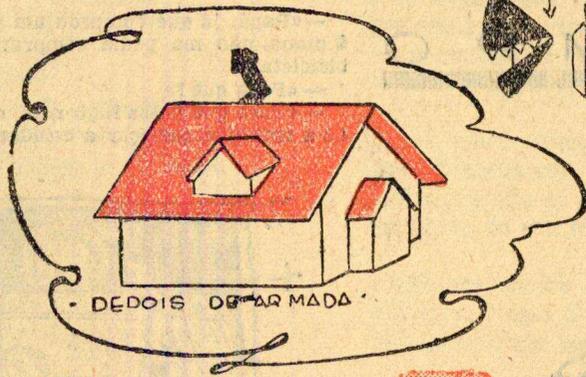
-FIG. 6-



-FIG. 7-



-FIG. 8-



-FIG. 4-

